

**SÉRGIO, GARDNER, DUMAZEDIER:
UM DIÁLOGO PERTINENTE NA PERSPECTIVA DA
EDUCAÇÃO PARA O LAZER
SERGIO, GARDNER, DUMAZEDIER:
A PERTINENT DIALOGUE IN THE PERSPECTIVE OF THE
EDUCATION FOR THE LEISURE**

Jossett Campagna De Gáspari
Gisele Maria Schwartz
Universidade Estadual Paulista/Rio Claro

Resumo

Este trabalho tem como objetivo estabelecer relações dialógicas entre a perspectiva da Motricidade Humana, a Teoria das Inteligências Múltiplas e a importância do lazer no processo de desenvolvimento humano. O estudo caracteriza-se pela metodologia qualitativa, porque é a que melhor se coaduna ao entendimento da natureza desses fenômenos. Baseia-se na revisão da literatura existente sobre a temática, capaz de sustentar tanto a investigação como o diálogo proposto, contribuindo para a ampliação das reflexões, discussões e debates, no sentido de promover uma Educação para o Lazer, entendido como instrumento de auto-desenvolvimento e autonomia humana.

Palavras-Chave: Motricidade; Inteligências múltiplas; Educação para o lazer; Autonomia.

Introdução

Este estudo, de natureza qualitativa, caracterizado por uma revisão bibliográfica, tem por objetivo investigar as possíveis relações dialógicas entre a Motricidade Humana (Sérgio, 1986) e a Teoria das Inteligências Múltiplas (Gardner, 1994), no âmbito do Lazer, tendo como pressuposto o lazer (Dumazedier, 1973), no processo de favorecimento da Educação para o Lazer, focalizando-a como mediadora do auto-desenvolvimento humano.

Com base nesse objetivo, estabeleceu-se o resgate da literatura existente e dos conhecimentos disponíveis, capazes de dar sustentação à proposta.

Foram aqui evidenciadas as contribuições de Manuel Sérgio, no que concerne aos aspectos da Motricidade Humana; de Howard Gardner, quanto à Teoria das Inteligências Múltiplas; de Luís Otávio de Camargo, no que tangencia a Educação para

o Lazer; de Jofre Dumazedier, quanto aos elementos sociológicos do lazer; entre outros, que possibilitaram o aprofundamento da reflexão em questão.

Este estudo justifica-se pela possibilidade de contribuir, a partir das relações estabelecidas no campo epistemológico, para a intensificação das discussões/encaminhamentos voltados aos novos olhares sobre o homem em movimento. O aprofundamento nessas questões poderá incrementar as perspectivas para o desenvolvimento global do homem, a partir das atividades físicas de lazer, capazes de conjugar, dialogicamente, a ocupação inteligente do tempo excedente e deste como estimulador das inteligências múltiplas.

Iniciando o Diálogo

Os aspectos axiológicos presentes no lazer, enquanto produtos de uma cultura, freqüentemente, num tempo-espaço determinados, são alvos de questionamentos quanto à sua validade. Assim, historicamente, valores e atitudes relativizados, podem ser alterados face a realidade, onde o fenômeno do lazer se evidencia e, em consequência, as novas teorias refletem outros pressupostos epistemológicos, igualmente, provisórios, aproximando-se das idéias propostas por Kuhn (1970-a, 1970-b, 1977), sobre a transitoriedade das teorias pelas quais os fenômenos são explicados.

Como nenhuma teoria resolve todos os problemas colocados no âmago das discussões, evidenciam-se anomalias que, para Kuhn (1970-b: 81), podem ser “*significativas*”, “*essenciais*” ou “*contra-exemplos*” e que podem, com isso, gerar uma crise.

Fato semelhante, na área da Educação Física, vem refletindo a crise epistemológica desencadeada pela falta de consenso entre seus profissionais.

Esta crise vincula-se às dúvidas destes, quanto à capacidade da Teoria da Motricidade Humana, proposta por Sérgio (1986), em equacionar a divisão de opiniões quanto à construção de um corpo teórico específico da Educação Física, de identificá-la enquanto ciência e de romper com sua dependência em relação às ciências-mãe que lhes dão suporte.

Sérgio (1989) entende que “uma ciência só se constitui como tal (como um corpo de conhecimentos e de resultados) no momento em que o sistema que a produz já construiu o seu próprio e autônomo objeto teórico, não me parece desavisado caminhar na direção de uma Ciência da Motricidade Humana, a

qual nos possibilitaria a construção de uma teoria que nos colocaria em correspondência com a realidade” (p. 35).

Na visão desse autor, a nova ciência do homem, a Ciência da Motricidade Humana, proposta em 1986, representaria sob a ótica de Kuhn, a possibilidade de um paradigma emergente, que buscaria se firmar nesse contexto, marcado pelas dúvidas quanto à amplitude/validade desse construto teórico.

Em sua concepção sobre a Ciência da Motricidade Humana, Sérgio a entende como capaz de compreender e explicar as condutas motoras, visando o estudo e as tendências voltadas ao desenvolvimento global do indivíduo e da sociedade.

Por desenvolvimento, este mesmo autor, entende a “*ascensão do homem ao mais humano*” (1986, p. 8) e defende que a busca e a conquista dessa ascensão, é mediada pela motricidade; que a motricidade desvela o sentimento de carência, com a qual o ser carente passa do reino da necessidade ao reino da liberdade; desvela uma práxis onde o ser carente supera tais carências, agindo.

Ao se referir à motricidade, acredita haver uma tendência ao reducionismo biológico e um contra-senso por “*não fazer da motricidade o que o homem é e não ver na motricidade o desenvolvimento e até uma consciência originária do mesmo*” (SÉRGIO, 1985, p. 14).

Percebe-se, então, que apenas as bases biologizantes, anatomofisiológicas, já não dão conta de explicar a abrangência e a magnitude de variáveis implícitas na realidade do movimento.

Com isso, a Motricidade Humana propõe, em seu bojo, um corte epistemológico, que conduz à uma mudança nas formas de observar, compreender e intervir sobre o corpo humano em movimento. Nesse novo foco, desnudam-se, agora, as dimensões biopsicosocioculturais.

Paradoxalmente, essa globalidade do ser humano, indivisível, dificulta a definição de homem.

Definir o homem é tarefa desafiadora, por ser ele complexo, em cuja complexidade observa-se um apelo, constante, à transcendência; uma busca de sentido para sua existência.

Essa idéia, em outro texto, é reiterada por Sérgio, quando redefine motricidade como “*o corpo a caminho do mundo, dos outros e da transcendência*” (1989, p. 51), em cuja praxidade cria as condições e as razões de sua própria existência. Refere-se, então, a este processo como adaptativo, evolutivo, criativo.

Nessa visão holística de homem, o corpo comunica-se, via movimento, não apenas para garantir sua própria subsistência ou sobrevivência. Como anteriormente expresso, busca transcender-se, excedendo-se a si próprio.

O exceder-se a si próprio, a partir da existência do outro, requer a utilização de faculdades intelectivas no sentido de estabelecer vias de comunicação e organização da vida em sociedade.

A nova ciência do homem, conforme seu proponente, tem duas características. A primeira, que tangencia o construto teórico específico, é de natureza independente e a segunda, a exemplo das demais ciências, é de dependência, em relação às visões inter e transdisciplinar.

As dimensões da pessoa humana parecem basear-se, segundo Sérgio (1985, 1986), num conjunto multidimensional, composto pela corporeidade, motricidade, comunicação e cooperação, historicidade, liberdade e transcendência.

Com relação à primeira dimensão, a da corporeidade, o ser humano manifesta-se com o corpo, no corpo, desde o corpo e por meio do corpo, marca sua presença e espaço na História, conferindo-lhe a dimensão corporeidade, que é “*condição de presença, participação e significação do homem, no Mundo*” (1986, p. 21).

É da corporeidade que emerge a motricidade, o estar no mundo para algum objetivo, evidenciando um projeto humano e seu desenvolvimento.

A humanização do movimento, pelo exposto, fica focalizada na segunda dimensão: a da motricidade.

A terceira dimensão, a da comunicação e cooperação, contempla o compartilhar idéias e sentimentos, tanto pessoais quanto coletivos. Dialeticamente, associa o estar-no-mundo ao estar com o outro.

Na quarta dimensão, da historicidade, o comportamento motor pode ser compreendido a partir do homem que se move, num tempo (passado-recordação/futuro-esperança) e espaço, fazendo-se perceptível e interpretado pelo outro.

Na quinta dimensão, a da liberdade, o ser humano exprime-se, como sujeito reflexo e como projeto de uma História.

O agir para ser mais, implica na indispensabilidade do outro. É a sexta dimensão, a da transcendência, atrelada à necessidade de fazer a junção e a intersecção dos amplos e complexos domínios da realidade (SÉRGIO, 1985). Essa dimensão compreende o ser humanamente, que pressupõe práxis e praxidade:

“o Homem é um apelo à transcendência e, como tal, um ser prático que, na totalidade humana e pela motricidade, a persegue” (SÉRGIO, 1986, p. 10).

Quem tentar definir o Homem, esquecendo ou minimizando sua permanente tensão em relação à transcendência, não apreendeu que só se é, verdadeiramente, quando alguém anuncia a realização pessoal. Não basta ser. É condição ser por inteiro, sob todos os planos da existência, conforme explicita Sérgio (1986).

Assim, ao questionamento feito por este autor sobre o que é o Homem, acresce-se a idéia de que é tão difícil defini-lo como ignorá-lo. O autor, ainda, complementa que o homem é, simultaneamente, elemento e espectador do mundo.

Como sujeito e paciente do mundo, requisita suas faculdades mentais, não apenas para situar-se nele, mas, também, para operar nele transformações, assimilar a complexa simbologia presente nas sociedades humanas, caracterizando a tal multidimensionalidade que, como vimos não se esgota no biológico.

Nessa multidimensionalidade parece implícito o uso da inteligência e, por meio dela, essas múltiplas dimensões ganham visibilidade. Ao mesmo tempo em que isso ocorre, dialeticamente, a mesma é estimulada em seu desenvolvimento.

Assim como no âmbito da motricidade, fez-se necessária uma revisão conceitual, uma ampliação das perspectivas epistemológicas, no tocante ao termo inteligência.

A palavra inteligência, no campo da psicologia cognitiva, sofreu, na década de 90, mudança paradigmática significativa com a Teoria das Inteligências Múltiplas, proposta por Gardner (1994). Essa teoria redefiniu o que é a inteligência, o que é ser inteligente e a amplitude da sua avaliação, tendo como base essa nova perspectiva de encarar o homem e sua multidimensionalidade, de forma holística.

Assim, de única e inata, a inteligência passou, a partir dos estudos de Gardner, a plural e desenvolvível, ao longo da vida humana por estimulação/vivência/experiência.

Passou a inteligência a ser definida como sendo “*mais humana e mais verdadeira do que as visões alternativas da inteligência e reflete mais adequadamente os dados do comportamento humano inteligente*” (GARDNER, 1995, p. 20).

A catalogação das inteligências, de Gardner, em 1994, quando propôs a Teoria das Inteligências Múltiplas, descreveu sete inteligências, como um número aleatório, correspondente à deliberação dos pesquisadores de contextualizá-las num pequeno número, vislumbrando a continuidade dos trabalhos e as possíveis constatações posteriores.

Talvez, o mais importante nos estudos de Gardner, conforme Antunes (1998), não seja a quantificação das inteligências e a discussão de suas características. A importância deles reside na substituição da percepção simplista pela dimensão holística do homem, que tem ampla diversidade de competências e linguagens.

Todo ser humano é dotado de um espectro de diferentes capacidades que formam o conjunto das habilidades humanas e, nessa visão de homem, todas as inteligências detêm a mesma importância como defende Gardner (1994, 1995).

Para o autor, as inteligências são denominadas de musical, corporal-cinestésica, lógico-matemática, lingüística, espacial, interpessoal e intrapessoal, às quais, recentemente (Gardner, 1997), foram acrescentadas, as inteligências naturalística e existencialista.

A inteligência musical diz respeito à aptidão para se expressar por meio dos sons, para organizá-los de maneira criativa, a partir de elementos como tons e timbres.

A corporal-cinestésica se relaciona ao domínio dos movimentos do corpo, que pode ser instrumento eficiente de expressão. Inclui a agilidade de manipular objetos.

O domínio dos raciocínios lógico e dedutivo, a compreensão dos modelos matemáticos, que estão intimamente associados ao pensamento científico, caracterizam a terceira inteligência denominada lógico-matemática.

A habilidade de se expressar pela linguagem (oral ou escrita) e de lidar com as palavras, criativamente, constituem as bases da inteligência lingüística.

A quinta inteligência, descrita por Gardner, é a espacial. Nela se localiza a capacidade de orientação, senso de direção e de formar um modelo mental preciso do espaço.

A inteligência pessoal compõe tanto a sexta como a sétima manifestações intelectuais, comprovadas pela psicologia cognitiva. Abrange as inteligências interpessoal e intrapessoal, sendo que a interpessoal tangencia a habilidade de estabelecer contatos com outras pessoas e advém da habilidade de compreender as motivações e as expectativas dos demais.

A capacidade de administrar seus próprios sentimentos e de usá-los para alcançar seus objetivos pessoais; a habilidade de estar bem consigo mesmo, corresponde à inteligência intrapessoal.

A habilidade que os seres humanos têm de reconhecer objetos na natureza, ou seja, de distinguir plantas, animais e rochas caracteriza a oitava inteligência: a naturalística.

A oitava inteligência e “meia” (GARDNER, 1997), assim denominada, porque ainda não foi comprovada, cientificamente, a requisição de áreas específicas no cérebro, é a existencialista e *“está ligada à capacidade de considerar questões mais profundas da existência, de fazer reflexões sobre quem somos, de onde viemos ou por que morreremos”* (p. 40).

No Brasil, Machado aponta para uma outra inteligência, a pictórica e defende que o desenho, é uma das formas de expressão e que se revela antes das competências lingüísticas e lógico-matemática (GARDNER, 1997).

Para Machado, o que importa não é o número de inteligências e sim, como estas inteligências são avaliadas. Este autor sugere que o homem não pode ser avaliado por apenas uma ou duas de suas capacidades, com o que concorda Antunes (1998), alertando quanto às falhas dos testes de Q. I. (coeficiente intelectual). Nesses tipos de testes, hoje relativizados, são priorizados as habilidades lógico-matemática e a lingüística, em detrimento das demais.

Esse procedimento, minimizado no tocante ao aspecto da inteligência, demonstra a fragmentação do ser humano e a parcialidade de sua avaliação, agora

entendida num espectro bem mais amplo e que contempla além dos aspectos intelectuais, os emocionais.

Da mesma forma, tentando a superação da fragmentação, essa nova concepção que requisita novas competências, conjuga a multidimensionalidade da pessoa humana à multiplicidade de suas habilidades cognitivas.

Isto desvela o humano do ser, em todas as suas experiências, para além das instituições formais, demonstrando as possibilidades de mobilização dessa gama de capacidades em qualquer instância de sua vida, inclusive na do âmbito das experiências vinculadas à ocupação do seu tempo livre.

Esse olhar amplia sua significação, quando se pensa que, nas atividades vivenciadas durante o tempo livre das ocupações, o homem tem oportunidades para o fruir e o usufruir dos bens culturais e, ainda, para exercitar sua autonomia a partir das opções pessoais que faz para a ocupação desse tempo excedente.

Para que isso se concretize, tornam-se prementes ações voltadas para mudanças axiológicas, desencadeadas por uma Educação para o Lazer.

Essa educação permite pensar o homem para além da dimensão biológica, fazendo uso das múltiplas inteligências e capaz de optar pela qualidade de seu desenvolvimento.

A teoria sociológica do lazer, preconizada por Dumazedier (1973), reitera essa idéia do homem em movimento, que se utiliza das dimensões e inteligências múltiplas para se envolver no lazer, tomado por ele como

“um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua formação ou informação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais” (p. 34).

Esta definição de Dumazedier que sofreu, ao longo do tempo inúmeras observações, tem por base o interesse cultural das atividades de lazer, didaticamente separadas, como físicas, manuais, intelectuais, artísticas e sociais.

Em seu texto “Valores e Conteúdos do Lazer” o autor discorre e define interesse como sendo “*o conhecimento que está enraizado na sensibilidade, na cultura vivida*” (1980, p. 110).

Caracterizando tais interesses, pode-se associar o interesse físico aquele que não se restringe à prática do exercício físico e do esporte. É ele que situa a possibilidade de atitudes ativas na ocupação do tempo livre, porque requer participação consciente e, também, voluntária na vida sócio-cultural. É a atitude, assumida pelo indivíduo, perante a atividade, que vai caracterizá-la, como ativa ou passiva, já que as atividades de lazer, não detêm quaisquer dessas características.

As atividades singulares, de bricolagem, sem nenhuma ligação com necessidades e obrigações familiares, sociais, produtivas e que têm motivações de ordem própria, constituem o interesse manual. É ele que valoriza o trabalho artesanal, individual, desinteressado e a criatividade.

No interesse artístico, o homem tem a oportunidade de desenvolver elementos estéticos que, igualmente, são vitais ao seu desenvolvimento global.

As atividades voluntárias, ligadas às sensibilidades, tanto individual como coletiva, ao conhecimento vivido e não transmitido, que conduz à aprendizagem espontânea e que requer uma ação sócio-cultural, compõe um outro interesse: o intelectual.

O interesse social diz respeito ao desenvolvimento da sociabilidade e, portanto, caracteriza-se pela função de socialização. Dumazedier (1980) lembra que a sociabilidade manifesta-se nas relações interpessoais e podem configurar um campo de tensões, de contradições, de conflitos entre os interesses pessoais e sociais.

Cabe ressaltar que, entre os diversos interesses, há dificuldades em se estabelecer fronteiras nítidas, denotando sua interdependência.

A partir das idéias expostas, pode-se perceber a existência de focos semelhantes quanto ao homem em movimento, compatibilizando as idéias de Sérgio, Gardner e de Dumazedier, tornando este diálogo pertinente.

Traçando Conexões

Como proposta inicial do estudo, a partir das idéias gerais delineadas sobre as contribuições de Sérgio, Gardner e Dumazedier, foi possível traçar algumas analogias entre suas concepções, especialmente quando o objetivo recai no foco sobre o lazer, fenômeno social cada vez mais crescente na sociedade globalizada que, igualmente, tem sido alvo de profundas transformações axiológicas.

As conexões elencadas, a seguir, foram agrupadas em três temáticas, independência, interdependência e magnitude para facilitar a compreensão das analogias propostas.

Independência do Construto Teórico

A Ciência da Motricidade Humana, defendida por Sérgio, aponta para uma multidimensionalidade da pessoa humana, cujas dimensões, embora independentes, compõem um construto teórico único.

Analogamente, Gardner argumenta sobre uma multiplicidade de inteligências, também independentes enquanto áreas específicas do cérebro, compondo, no entanto, o ser holístico.

Da mesma forma, Dumazedier sinaliza uma multifocalidade de interesses culturais, no âmbito do lazer, também dotados de independência. Esta independência fica evidenciada por linhas tênues entre uns e outros interesses, porém denota a globalidade do homem em suas opções.

Interdependência

Na proposta multidimensional da Motricidade Humana, cada uma das dimensões elencadas, estabelece, entre si, relações de intersecção, as quais constituem o ser integral.

Para Gardner, mesmo que uma inteligência se apresente como independente, é possível a correlação entre dois ou mais tipos delas.

Nos inúmeros interesses descritos por Dumazedier, residem um caráter singular, havendo, também, a possibilidade de correlacioná-los, teórica e praticamente.

Magnitude

Tanto as concepções de Sérgio (1985, 1986) e Gardner (1994, 1995), como as de Dumazedier (1973, 1980), conferem ao homem uma magnitude, permeada pela superação da visão biologizante deste homem em movimento, no sentido de desvelar os múltiplos aspectos a ele subjacentes.

Evidenciando-se, ainda, cada um dos aspectos constitutivos da multiplicidade comum aos três autores, seguem, abaixo, algumas conexões curiosamente traçadas:

- O homem movimenta-se, num tempo e espaço, fazendo uso de um corpo que se comunica consigo próprio, com o outro e com o meio ambiente, sustentando o humano do seu ser. Percebe-se, neste contexto, as dimensões Motricidade e Comunicação, correspondendo às inteligências Espacial, Cinestésico-corporal, Lingüística, Naturalística e Existencialista e aos interesses Social e Intelectual.

- As dimensões Comunicação e Cooperação relacionam-se com as inteligências Lingüística, Pessoal (Inter e Intrapessoal), Lógico-matemática, Existencialista e Naturalística e, também, com os interesses Social e Intelectual no lazer.

- As dimensões historicidade, liberdade, transcendência estabelecem conexões com a inteligência Existencialista e, ainda, com os interesses Social e Intelectual no lazer.

- A dimensão Corporeidade tem relação direta com todas as inteligências e com todos os interesses culturais.

- A concepção holística, ponto máximo de convergência, entre as três teorias, reside na concepção pluralística de homem, que busca transcender-se, por meio e no movimento, característico de sua vitalidade.

Considerações Finais

Face às demandas axiológicas do contexto sócio-cultural pós-moderno, as visões de homem se alteram e, com elas, todas as formas de conhecimento ganham novos enfoques.

Novas epistemologias, como as anteriormente discutidas, rompem com olhares parcimoniosos e caminham na direção de focalizar, cada vez mais próxima, a verdadeira essência humana, sabidamente provisória.

Essa verdade, relativizável, abordada por Kuhn, traz implícitos novos olhares que requisitam ações diferenciadas, nos espaços formais e informais, no sentido de promover transformações eminentes, nas quais a nova concepção de homem estabelece canais de comunicação entre as transformações sociais e a influência da educação nesse processo dialético.

Novos olhares também rompem com as fronteiras que delimitam os espaços nos quais o homem se desenvolve e, assim, a tradicional influência da educação nas transformações, individuais e coletivas, perde sua conotação dicotomizada em formal ou informal e agrega ambas.

As instituições formais e informais podem assumir, de forma complementar, a estimulação das potencialidades, da multidimensionalidade, da multiintelectualidade e da multiplicidade dos interesses humanos, inclusive no âmbito do lazer.

A Educação para o Lazer emerge, então, como necessária e urgente, porque o lazer, nas últimas décadas, saiu do campo de elaboração teórica e impregnou-se às necessidades do homem, passando a constituir-se num componente básico do cotidiano da população.

Desse consenso, nasce a compatibilidade de idéias que é imprescindível quando a preocupação reside em propor ações na área do lazer, voltadas à superação de atitudes e valores negativos, que transformam as atividades do tempo excedente, apenas, num produto de consumo, massificam o homem, engessam os movimentos espontâneos e negam-lhe opções de livre escolha, respaldadas na liberdade a que têm direito.

Acreditando nessas concretas possibilidades de desenvolvimento, nos níveis pessoal e coletivo dos indivíduos, dentro e fora das instituições formais de educação, a

Educação para o Lazer poderá contribuir, qualitativamente, para reverter os aspectos axiológicos que inibem a autonomia humana e, também, para estimular a produção de bens culturais como forma de equilibrar a relação consumo-produção cultural.

Finalmente, a significativa contribuição da Educação para o Lazer reside, inclusive, na perspectiva de conferir à pessoa humana sua existencialidade, a qual perpassa pela liberdade e emancipação que distinguem-na como singular na diversidade cultural onde se insere e que busca, incessantemente, a melhoria de sua qualidade de vida.

Abstract

This research has as its objective establishing dialogue relations among the perspective of Human Motricity power, the Multiple Intelligence Theory and the importance of leisure in the process of human development. The study is characterized of qualitative methodology, because it's the best one that combines understanding of the nature of these phenomena. It is based on a review of the literature existent on the theme, able to sustain both investigation and dialogue proposal, contributing to the amplification of the reflections, discussion and debates, in the sense of promoting an Education for Leisure, understood as an instrument for self-development and human autonomy.

Key-Words: Motricity; Multiple intelligence; Education for leisure; Autonomy.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, C. *A inteligência emocional na construção do novo eu*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: Sesc, 1980.

GARDNER, H. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GARDNER fala sobre as várias inteligências. *Nova Escola*, São Paulo, n. 105, p. 42. 45, set. 1997.

KUHN, T. S. Reflections on my critics. In: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (Eds.). *Criticism and the growth of knowledge*. Cambridge: Cambridge University, 1970-a. p. 231-278.

_____. *The structure of scientific revolutions*. 2nd ed. Chicago: University of Chicago, 1970-b.

_____. *The essential tension*. Chicago: University of Chicago, 1977.

SÉRGIO, M. “Filosofia das actividades corporais : a filosofia duma ciência”. In: COLÓQUIO “O ENSINO DE FILOSOFIA EM PORTUGAL”, 1985. *Anais ...* Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 1985, p. 24.

SÉRGIO, M. *Motricidade humana: uma nova ciência do homem*. Ministério da Educação e Cultura: Lisboa, 1986.

_____. *Educação física ou ciência da motricidade humana*. Campinas: Papyrus, 1989.